



A GEOGRAFIA HISTÓRICA, A IMAGINAÇÃO E OS IMAGINÁRIOS GEOGRÁFICOS¹

■ PERLA ZUSMAN

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Instituto de Geografía. Universidade de Buenos Aires (UBA). perlazusman@yahoo.es

Recebido em: 14/07/2021

Aprovado em: 13/05/2022



Resumo: As noções de imaginação e imaginação geográfica são amplamente utilizadas na geografia de hoje. O objetivo deste texto é identificar as formas pelas quais alguns geógrafos anglo-saxões construíram suas noções de imaginação e imaginação geográfica, que papel lhes deram em seu projeto disciplinar e como articularam essas ideias em suas análises de geografias passadas. Em primeiro lugar, são trabalhadas as propostas dos geógrafos dos anos 60 e 70 que recorreram a essas noções para superar o interesse limitado pelos aspectos sociais e culturais da geografia. Em segundo lugar, apresentamos as perspectivas desenvolvidas nos anos 90 pelas geografias pós-coloniais e pela cultura visual. Finalmente, são apresentadas as repercussões destas perspectivas em algumas linhas de trabalho na América do Sul

Palavras chaves: geografia histórica; imaginação; imaginários geográficos; epistemologia.

LA GEOGRAFÍA HISTÓRICA, LA IMAGINACIÓN Y LOS IMAGINARIOS GEOGRÁFICOS

¹ Texto publicado originalmente em espanhol na Revista de Geografía Norte Grande, 54: 51-66 (2013). Tradução: Matheus da Silveira Grandi.

RESUMEN: LAS NOCIONES DE IMAGINACIÓN E IMAGINACIÓN GEOGRÁFICA SON AMPLIAMENTE USADAS EN LA GEOGRAFÍA EN LA ACTUALIDAD. EL OBJETIVO DE ESTE TEXTO ES IDENTIFICAR LAS FORMAS A TRAVÉS DE LAS CUALES ALGUNOS GEÓGRAFOS ANGLOSAJONES HAN CONSTRUIDO SU NOCIÓN DE IMAGINACIÓN E IMAGINACIÓN GEOGRÁFICA, QUÉ PAPEL LE HAN OTORGADO EN SU PROYECTO DISCIPLINAR Y CÓMO HAN ARTICULADO ESTAS IDEAS EN SUS ANÁLISIS DE GEOGRAFÍAS PASADAS. EN PRIMER LUGAR, SE HAN TRABAJADO LAS PROPUESTAS DE GEÓGRAFOS DE LA DÉCADAS DE 1960 Y 1970 QUE RECURRIERON A ESTAS NOCIONES PARA SUPERAR EL ESCASO INTERÉS POR LO SOCIAL Y CULTURAL DE LA GEOGRAFÍA. EN SEGUNDO LUGAR SE PRESENTAN LAS PERSPECTIVAS DESARROLLADAS EN LA DÉCADA DE 1990 DE LA MANO DE LAS GEOGRAFÍAS POSCOLONIALES Y DE LA CULTURA VISUAL. FINALMENTE SE PRESENTAN LAS REPERCUSIONES DE ESTAS PERSPECTIVAS EN ALGUNAS LÍNEAS DE TRABAJO EN AMÉRICA DEL SUR.

PALABRAS CLAVES: Geografía histórica; imaginación; imaginarios geográficos; epistemología

HISTORICAL GEOGRAPHY, IMAGINATION AND GEOGRAPHIC IMAGINARIES

ABSTRACT: THE NOTIONS OF IMAGINATION AND GEOGRAPHIC IMAGINATION ARE WIDELY USED IN GEOGRAPHY NOWADAYS. THIS TEXT AIMS TO IDENTIFY HOW SOME ANGLO-SAXON GEOGRAPHERS CONSTRUCTED THEIR NOTIONS OF IMAGINATION AND GEOGRAPHIC IMAGINATION, WHAT ROLE THEY GAVE THEM IN THEIR DISCIPLINARY PROJECT AND HOW THEY ARTICULATED THESE IDEAS IN THEIR ANALYSES OF PAST GEOGRAPHIES. FIRSTLY, THE PROPOSALS OF GEOGRAPHERS FROM THE 60S AND 70S WHO USED THESE NOTIONS TO OVERCOME THE LIMITED INTEREST IN THE SOCIAL AND CULTURAL ASPECTS OF GEOGRAPHY ARE DISCUSSED. SECONDLY, WE PRESENT THE PERSPECTIVES DEVELOPED IN THE 1990S BY POST-COLONIAL GEOGRAPHIES AND VISUAL CULTURE. FINALLY, THE PAPER PRESENTS THE REPERCUSSIONS OF THESE PERSPECTIVES ON SOME RESEARCH LINES IN SOUTH AMERICA.

KEYWORDS: HISTORICAL GEOGRAPHY; IMAGINATION; GEOGRAPHIC IMAGINARIES; EPISTEMOLOGY.

Os termos imaginação, imaginário geográfico, imaginário ou geografia imaginativa circulam há cerca de duas décadas em alguns âmbitos da geografia internacional (Harvey, 1990; Gregory, 1994; Soja, 1996; Cosgrove, 2008a; Daniels, 2011). A incorporação do termo imaginário na disciplina na América Latina (Hiernaux, 2002; Lindón, Aguilar, Hiernaux, 2006; Lindón 2007; Hiernaux, 2007) é contemporânea à sua difusão nas ciências sociais da região (Canclini, 1997; Telles, 2004, Gorelik, 2002). Seu amplo uso nas ciências sociais a nível internacional leva autores como Wunenburger (2008) a supor que o "sucesso" do termo está associado ao interesse de certas perspectivas pós-modernas em fazer desaparecer "o sujeito como autor de suas representações, em favor de processos de simples jogos (de textos, imagens, etc.) que, por combinação e desconstrução, geram indefinidamente novos efeitos de significação (J. Derrida, G. Deleuze, etc.)" (Wunenburger, 2008: 18). Por sua vez, García Canclini sustenta que, diante da perda de credibilidade das teorias totalizadoras e das dificuldades que se apresentam para conhecer a totalidade do real, "o imaginário vem para

complementar, para fornecer um suplemento, para ocupar fraturas ou lacunas no que sim podemos saber" (Canclini, 2007, p. 90)².

Na Geografia, a ideia de imaginários geográficos pareceria ter substituído outros termos que, em outros contextos, permitiram relacionar o cultural com o espacial, como foi a ideia de percepção na década de 1960 (Capel, 1973). Por sua vez, ela parece conviver com aquelas discussões que trabalham com o conceito de representações espaciais³ (Bailly, 1985; Di Méo & Buléon, 2005). O objetivo deste texto é realizar uma retomada dos usos da noção de imaginário geográfico no campo da Geografia Histórica. Na medida em que este caminho tem sido recorrentemente frequentado pela Geografia anglosaxã, nossa análise busca identificar as tendências que se desenvolveram nesta tradição. Reconhecemos duas conjunturas chave em sua conceitualização: a primeira se vincularia às propostas que surgem como reação ao quantitativismo nas décadas de 1930 e 1970, representadas pela Geografia humanista e pela Geografia marxista; a segunda se associaria às Geografias pós-coloniais e os estudos da cultura visual realizados na década de 1990.

Que ideia de imaginário geográfico constrói cada autor? Que relação estabelece cada autor entre a imaginação e seu estudo das geografias passadas? Esses conceitos estão presentes hoje nos trabalhos de Geografia Histórica na América do Sul? Estas perguntas orientam a viagem que nos propomos a fazer neste texto.

TERRAE INCOGNITAE, IMAGINAÇÃO E IMAGINÁRIOS NA VISÃO DO PASSADO DA GEOGRAFIA HUMANISTA

A ideia de imaginário geográfico irrompeu na geografia histórica a partir das contribuições da Geografia Humanista, uma perspectiva de análise fenomenológica que, desde a década de 1960, leva em conta a subjetividade no conhecimento do entorno e que reconhece a proximidade entre a Geografia e a arte ou a poesia. A Geografia Humanista procurava outorgar protagonismo ao sujeito em um momento em que a racionalidade econômica e quantitativa era hegemônica na disciplina.

² [N.T.] Tradução livre da citação direta original: "lo imaginario viene a complementar, a dar un suplemento, a ocupar fracturas o los huecos de lo que sí podemos conocer".

³ Desde esta perspectiva, se concebe a construção das representações como parte de um processo cognitivo de caráter racional que implica a elaboração de imagens mentais. Estas imagens outorgam significação aos lugares no marco de uma rede de lugares (Bailly, 1985).

Dentro da geografia estadunidense, essa proposta de pesquisa foi delineada por J. K. Wright (1891-1969), que atuou como presidente da Associação de Geógrafos Americanos e da Sociedade Americana de Geógrafos. Sua tese, apresentada na Universidade de Harvard, foi intitulada “*The Geographical lore of the time of Crusades*” (1925) (“O conhecimento geográfico na época das Cruzadas). Neste trabalho, Wright reconhece a influência das ideias religiosas, comerciais, políticas e intelectuais sobre o conhecimento do entorno no período medieval. Ao mesmo tempo, estabelece diferenças entre o saber geográfico de um acadêmico ou religioso e o de um comerciante, um soldado ou um peregrino. Enquanto os primeiros alimentam sua visão, em parte, nos conhecimentos herdados da antiguidade, os segundos a adquirem através da viagem e da exploração. (Keighren, 2005).

Esta linha de reflexão encontra continuidade no conteúdo da conferência que Wright ministra como presidente da Associação de Geógrafos Americanos, por ocasião da reunião anual realizada em 1946, intitulada *Terrae incognitae: the place of the imagination in geography* (Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia) (Wright [1947] 1977). Para J. K. Wright as *terrae incognitae* (terras desconhecidas) não são iguais para todos os grupos humanos. De fato, os espaços inexplorados para os europeus no século XVI não eram os mesmos que para os colonos americanos. Desta forma, J. K. Wright procura superar a perspectiva ocidental que universaliza processos que têm a ver com sua própria história. Ao mesmo tempo, ele reconhece outras formas de conhecimento sobre a superfície terrestre diferenciadas do saber científico de caráter eurocêntrico. Estes pressupostos epistemológicos sustentam sua proposta de Geosofia (Geo: terra, Sofia: conhecimento), ou seja, de uma história da Geografia que leva em conta não só o estudo do conhecimento dos acadêmicos, mas também de outros setores sociais. Na medida que as *terrae incognitae* variam conforme os grupos sociais, a Geosofia pretende dar conta de todos os pontos de vista, de todas “as ideias geográfica, tanto verdadeiras como falsas, de todas as modalidades de gente – não somente geógrafos, mas também agricultores e pescadores, executivos e poetas, romancistas e pintores, beduínos e hotentotes” (Wright, 1977, p. 182).⁴ Para Wright, todos estes sujeitos se aproximam de âmbitos geográficos desconhecidos por meio de seus imaginários, vinculados em parte com a experiência que cada grupo tem do mundo real (Keighren, 2005).

⁴ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “las ideas geográficas, tanto verdaderas como falsas, de todas las modalidades de gente - no solamente geógrafos sino agricultores y pescadores, ejecutivos y poetas, novelistas y pintores, beduinos y hotentotes”.

A elaboração de imaginários põe em ação a imaginação. Como uma faculdade psicológica, a imaginação se combina com o racional na construção do conhecimento. Wright homologa o canto das sereias do relato da Odisseia com o poder sedutor e imaginativo da arte e da poesia que poderia ser posto em diálogo com os distintos tipos de conhecimento geográfico. Este tipo de imaginação que Wright reconhece como subjetividade estética garante a empatia entre o geógrafo e seu leitor e permite “participar com ele [o leitor] das impressões que o lugar ou a circunstância deixaram em nós: fazê-lo descer de seu elevado posto de observação e fazê-lo ver com nossos próprios olhos e sentimentos” (Wright, 1977, p. 177).⁵

Wright reconhece em todo geógrafo esta capacidade imaginativa que denomina libido geográfica, “constituída inteiramente na sensibilidade estética ao estímulo das montanhas, desertos ou cidades, tanto como no desejo intelectual de resolver objetivamente os problemas que tais entornos apresentam” (Wright, 1977, p. 178).⁶ Se o geógrafo não possui essa capacidade imaginativa, pode recorrer a impressões imaginativas emprestadas, ou seja, pode recorrer os pontos de vista dos viajantes ou a outros saberes incorporados em seu projeto de Geosofia (o de agricultores e pescadores, executivos e poetas, romancistas e pintores, beduínos e hotentotes) que demonstrem uma sensibilidade para captar as especificidades da relação entre a natureza e a sociedade.

Sua reflexão sobre o papel da imaginação na construção do conhecimento geográfico o leva a conceber que as terras incógnitas não existem só na geografia material, mas também podem se encontrar “na mente e no coração dos homens” (Wright, 1977, p. 187).⁷ Através de suas duas acepções do conhecido (aquela que tem a ver com os âmbitos da superfície da terra não explorados e aquela que se vincula com os espaços da mente não escrutinados), Wright propõe uma epistemologia para a geografia que leve em conta a subjetividade como elemento chave na diferenciação espacial, uma diferenciação que tem a ver com as formas de imaginar o meio, de se aproximar e de agir nele.

David Lowenthal e Hugh Prince retomam a proposta de Wright para restaurar a primazia do sensível (Wunenburger, 2008) e analisar as avaliações e preferências que

⁵ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “participar con él [el lector] de las impresiones que el lugar o la circunstancia, han dejado en nosotros: hacerlo descender de su elevado puesto de mira y hacerlo ver con nuestros propios ojos y sentimientos”.

⁶ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “consistente enteramente en la sensibilidad estética al estímulo de las montañas, desiertos o ciudades tanto como a un deseo intelectual de resolver objetivamente los problemas que tales entornos presentan”

⁷ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “en la mente y el corazón de los hombres”.

os sujeitos desenvolvem frente ao meio. "Nem mundo, nem as imagens dele são idênticas com à geografia",⁸ afirma Lowenthal ([1961] 1977, p. 189). Esta afirmação expressa o reconhecimento de que o conhecimento geográfico é construído no vínculo entre realidade e aquilo que na época se denominou percepção, que incluía um conjunto de processos distintos mais ou menos relacionados: desde o contato sensível, a experiência, a organização do conhecimento através de imagens, até as atitudes e decisões que definem nossas intervenções no meio. (Capel, 1973). Lowenthal (1977) observa que a antropologia cultural, a psicologia filosófica e a linguística⁹ ofereciam avanços teóricos para entender tanto a organização de cosmovisões privadas e individuais quanto grupais (ligadas à estrutura social, ao contexto cultural e à linguagem). Desde seu ponto de vista, as ideias de experiência e imaginação discutidas naquelas disciplinas nos ajudam a nos aproximar das geografias pessoais¹⁰ que convivem com aquelas geografias diferenciadas desde o ponto de vista cultural, além daquelas outras desenvolvidas em distintos momentos históricos.

A partir desses pressupostos, Lowenthal & Prince (1964, 1965) trabalham o gosto inglês pela paisagem. Eles demonstram que as ideias que se desenvolvem na Inglaterra foram modeladas por meio da literatura, da pintura, da arquitetura e popularizadas entre distintos setores sociais. Esta análise mostra as preferências pelas áreas rurais em relação às urbanas, pelo velho em relação ao novo, pelo bucólico e pitoresco em relação ao industrial. Na mesma linha, Lowenthal (1975) se interessou em entender a forma como diferentes sociedades interagem com o passado. Esta aproximação pode implicar sua negação, criação, recriação ou invenção. Também pode significar que os vestígios deixados por sociedades anteriores na paisagem são seletiva e hierarquicamente valorizados.

Entretanto, assim como Lowenthal ([1985] 1998) reconhece que as sociedades têm maneiras diferentes de se relacionar com seu entorno, ele também entende que elas se relacionam de forma diferente com seu passado e que o vínculo que se estabelece hoje com esse passado difere daquele que tiveram os protagonistas daqueles momentos que

⁸ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: "Ni el mundo, ni las imágenes de él son idénticas a la geografía".

⁹ Em seu comentário ao texto "Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology" Livingstone (1994) reconhece as influências dos filósofos Willard Van Orman Quine, Roderick M. Chisolm, Karl Polanyi e do linguista Benjamin Lee Whorf sobre as ideias de Lowenthal.

¹⁰ "O ambiente privado, portanto, inclui paisagens e conceitos muito mais variados que o mundo compartilhado, lugares e potências imaginárias, bem como aspectos da realidade com os quais apenas cada indivíduo está familiarizado. O inferno e o Jardim do Éden podem ter desaparecido de nosso mapa mental, mas a imaginação, a distorção e a ignorância ainda enfeitam nossas paisagens privadas" (Lowenthal, 1977: 200).

estamos recriando na atualidade. Isto o leva a recuperar em seu estudo a frase que abre o livro *The Go-Between*, do romancista inglês Leslie Poles Hartley: "O passado é um país estranho". Desta forma, Lowenthal afirma que

até o século XIX, aqueles que dedicavam alguma reflexão ao passado histórico o imaginavam similar ao presente. O drama da história deixava registros das principais mudanças na vida e na paisagem, mas a natureza humana se supunha que permanecia constante e os acontecimentos sempre motivavam as mesmas paixões e os mesmos preconceitos (...) Assim, os cronistas descreviam os tempos passados com uma imediatez e uma intimidade que refletiam esta suposta semelhança (...) Somente no final do século XVIII os europeus começariam a conceber o passado como um domínio diferente, não mais apenas outro país, mas uma miríade de terras estranhas com histórias e personalidades únicas (Lowenthal, 1998, p. 7).¹¹

O passado para Lowenthal apresenta as mesmas dificuldades de exploração que as terras incógnitas (materiais e mentais) de Wright e, ao aproximar-se dele, a imaginação é uma faculdade a partir da qual se pode dar sentido às ações, pensamentos e materialidades pretéritas, sempre permeadas pelas visões do presente. Da mesma forma, para Prince a imaginação aparece como um dispositivo metodológico do pesquisador que consiste na busca por recriar na sua mente os pontos de vista da época. Esta tarefa pode ser facilitada por testemunhos materiais, visuais ou textuais. Assim, se poderia compreender, por exemplo, as diferentes atitudes dos antigos colonizadores e dos recém-chegados em relação a valorização de cenários, recursos e modos de vida (Prince, 1971).

David Harvey, o marxismo e a imaginação geográfica na concepção histórica do espaço e do tempo

O quantitativismo não despertou reações apenas daquelas vertentes fenomenológicas, mas também de algumas propostas marxistas. De fato, é o próprio David Harvey que recomenda recorrer à imaginação para incorporar os processos sociais na análise disciplinar. Em seu texto *Urbanismo y Desigualdad Social* (1973) ele

¹¹ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: "hasta el siglo XIX, aquellos que dedicaban alguna reflexión al pasado histórico se lo imaginaban similar al presente. El drama de la historia dejaba constancia de los principales cambios en la vida y el paisaje, pero la naturaleza humana se suponía que permanecía constante y los acontecimientos siempre daban a causa de las mismas pasiones y los mismos prejuicios (...) Así, los cronistas describían los tiempos pasados con una imediatez y una intimidad que reflejaban esta supuesta semejanza (...) Solo a fines del siglo XVIII, empezarian los europeos a concebir el pasado como un dominio diferente, no ya solamente otro país sino un sinfín de tierras extrañas con historias y personalidades únicas"

propõe utilizar a imaginação espacial para colocar em relação processos espaciais e processos sociais nas análises urbanas. Para construir sua definição de imaginação espacial, Harvey se inspira na ideia de imaginação sociológica de Wright Mills. Esta implica que cada indivíduo possa captar sua situação em seu tempo e em relação com seus contemporâneos. “A imaginação sociológica nos permite captar a história e a biografia na relação entre ambas dentro da sociedade. Por trás de seu uso está sempre a necessidade de saber o significado social e histórico do indivíduo na sociedade e o período em que tem sua qualidade e seu ser” (Mills citado em Harvey, 1985, p. 16).¹² Desde seu ponto de vista, a imaginação geográfica ou consciência espacial permite compreender o papel do espaço na trajetória pessoal e na de outras pessoas, nas “transações entre indivíduos e organizações” (Harvey, 1985, p. 17).¹³ A imaginação geográfica contribui para que o sujeito compreenda seu vínculo com acontecimentos e lugares próximos ou mais distantes. Por sua vez, pode fazer um uso criativo do espaço¹⁴ e “apreciar o significado das formas espaciais criadas por outros” (Harvey, 1985, p. 17).¹⁵

Para Harvey a incorporação na análise da imaginação geográfica supõe trabalhar questões que não estão distantes daquelas que os geógrafos humanistas têm buscado introduzir na disciplina na década de 1960. Trata-se de estabelecer “as relações entre forma espacial, significado simbólico e comportamento espacial” (Harvey, 1985, p. 26).¹⁶ Harvey reconhece que as geografias pessoais sugeridas por Lowenthal participam na conformação do espaço social; elas constituem uma “imagem comum” proveniente de algumas normas do grupo (e, provavelmente, de certas normas para atuar com respeito a dita imagem), e em alguma medida uma “imagem única que é altamente idiossincrática e imprevisível” (Harvey, 1985, p. 28).¹⁷ Em resumo, é esta imagem comum presente dentro de um grupo cultural que precisa ser incorporada ao estudo da relação entre formas espaciais e processos sociais.

¹² [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “La imaginación sociológica nos permite captar la historia y la biografía y la relación entre ambas dentro de la sociedad. Detrás de su uso está siempre la necesidad de saber el significado social e histórico del individuo en la sociedad y el periodo em que tiene su cualidad y su ser”.

¹³ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “transacciones entre individuos y organizaciones”.

¹⁴ Para este geógrafo marxista os artistas plásticos possuem uma grande habilidade para trabalhar com a imaginação geográfica. Esta habilidade não se associa só ao desenvolvimento da experiência estética, mas também à maior exploração das relações espaciais desde a arte.

¹⁵ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “apreciar el significado de las formas espaciales creadas por otros”.

¹⁶ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “las relaciones entre forma espacial, significado simbólico y comportamiento espacial”.

¹⁷ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “imagen única que es altamente idiosincrática e impredecible”.

Seguindo esta perspectiva, Harvey dá importância à imaginação geográfica também em seu projeto de geografia histórica do espaço e do tempo desenvolvido na década de 1990. Para Harvey, as ideias de espaço e tempo não podem dissociar-se do modo de produção e de suas relações sociais características (Harvey, 1990, p. 418). Em particular, Harvey analisa a reconfiguração que faz o capitalismo tanto das noções de espaço e tempo, como da geografia mundial na busca por reduzir o tempo de produção de mais-valia, de reduzir os tempos de rotatividade do capital e ampliar os espaços de produção e consumo. Sob a compressão espaço-temporal, os distintos significados dados ao espaço e ao tempo por distintos atores sociais entram em conflito. Este conflito se expressa na luta pela apropriação e dominação de espaços e tempos particulares. Neste contexto, Harvey compreende, por exemplo, o interesse da Comuna de Paris de 1871 em destruir a coluna de Vendôme. Os comuneiros a consideravam um símbolo da reorganização espacial que teve lugar com a reforma de Haussmann, visando impor as normas e valores do capitalismo. De fato, neste contexto os trabalhadores foram expulsos do centro da cidade. Assim, a destruição da coluna se converteu em um símbolo da preocupação do movimento de 1871 em impor sua própria ordem espacial: comunitária e não-hierárquica (Harvey, 1990, p. 421).

Em sua análise, Harvey dá à imaginação geográfica um papel político destacado não apenas para refletir sobre o papel das ideias de espaço e tempo no passado, mas também sobre o futuro dessas noções. Nesta perspectiva, a imaginação geográfica, como conceitualização que permite compreender espacialmente o tempo que nos toca viver, também pode ajudar a refletir sobre os conceitos de espaço e tempo que desejamos estabelecer em uma sociedade que se pretenda "socialista e ecologicamente responsável" (Harvey, 1990, p. 432)¹⁸. Desta forma, Harvey dá importância à imaginação geográfica na elaboração de um projeto político. Esta politização da imaginação geográfica, difícil de encontrar no marco da Geografia Humanista, se observa também nos estudos da Geografia pós-colonial. No entanto, o conteúdo outorgado a esta politização adquire outras conotações que veremos a seguir.

As geografias pós-coloniais e imaginários geográficos de Edward Said

Nos anos 90, a ideia de imaginários geográficos foi amplamente difundida nos estudos de Geografia pós-colonial. Estas análises se interessaram em desvendar o

¹⁸ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: "socialista y ecológicamente responsable".

compromisso da Geografia com os projetos dos impérios modernos. Desde esta perspectiva, se entende que este saber disciplinar contribuiu à dominação colonial tanto por meio de suas intervenções materiais como também por meio de suas conceitualizações e discursos. Estes discursos veicularam certos imaginários sobre aqueles espaços ultramarinos que legitimaram e promoveram as ações imperiais. A fonte de inspiração dos estudos em Geografia pós-colonial foi fundamentalmente a interpretação que Edward Said (1935-2003) construiu sobre a forma como o Ocidente construiu sua imagem de Oriente.

De fato, em seu texto *Orientalismo* (1978), Edward Said destaca que a expansão imperial não foi levada adiante apenas por estratégias militares, administrativas ou políticas, mas que a cultura também teve um papel decisivo na medida em que, em termos de Gramsci, permitiu a construção de hegemonia. Said aponta a contribuição de diferentes tipos de textos – desde romances até memórias de governo, passando por literatura de caráter antropológico, arqueológico ou linguístico – na construção de imaginários geográficos sobre o Oriente, um Oriente que fala mais do Ocidente que dos próprios processos que tiveram lugar na Ásia. O crítico literário palestino recorre ao pensamento de Foucault para compreender que a construção cultural que o Ocidente faz do Oriente põe em jogo relações de poder assimétricas. Assim, o pensamento orientalista supõe uma vontade – por meio do conhecimento – de “controlar, manipular e até incorporar aquele que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo)” (Said, 1990, p. 24)¹⁹

A relação poder-conhecimento sobre o Oriente se expressa nas geografias imaginárias às quais Said se refere. Nos termos de Gregory (1995b), Said politiza a poética do espaço de Gaston Bachelard, visando dar um conteúdo emocional (através de sonhos, imagens e vocabulários) para aqueles lugares que poderiam parecer distantes (Said, 1990, p. 65). O autor de "Orientalismo" desvenda a importância política dessas geografias imaginárias, reconhecendo que elas convertem o Oriente em

“um campo fechado, um palco teatral anexo à Europa (...). Na profundidade desse palco teatral existe um prodigioso repertório cultural cujas seções individuais evocam um mundo fabulosamente rico: a Esfinge, Cleópatra, o Éden, Tróia, Sodoma e Gomorra, Astartea, Ísis e Osíris, Sabá, Babilônia, os Gênios, os Magos, Nínive, Preste João, Maomé e uma dúzia mais, cenários, em alguns casos, apenas homens, meio imaginários, meio

¹⁹ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “controlar, manipular y hasta incorporar, aquello que es un mundo manifestamente diferente (o alternativo y nuevo)”

conhecidos; monstros demônios, herois, terrores, prazeres, desejos” (Said, 1990, p. 73),²⁰ [todos eles não sofrem modificações ao longo do tempo,] "são o que são, porque são o que são, agora e sempre" (Said, 1990, p. 80).²¹

Este Oriente essencializado se constitui assim na alteridade espacial do Ocidente e é depositário de certos imaginários que aparecem representando o misterioso, o sensual, um espaço dominado por governos absolutos, em contraposição a um Ocidente concebido como possuidor de ações racionais e governos democráticos.

Os imaginários geográficos de Said promoveram o desenvolvimento na Geografia Histórica um conjunto de linhas de trabalho que se interessaram por explorar as representações, fantasias e sonhos sobre os espaços “dos outros” veiculados por meio dos relatos de viagem, das fotografias, as pinturas e as cartografias. Por meio desses dispositivos culturais se promovem e divulgam imagens como as do deserto do Saara visto como um espaço hostil para ser vivido pelo homem ocidental, onde só podem sobreviver as populações nômades, ainda que alguns viajantes o entendam como um espaço de fuga da vida urbana europeia (Zusman, 2008); o do trópico apresentado às vezes como um paraíso terreno, outras como um espaço de abundância e fertilidade mas também de excessos e doenças (Driver, 2004). Nos estudos também se analisam as fantasias masculinas em torno do harém, um dos espaços mais reservados e inacessíveis do mundo muçulmano para sociedades ocidentais.²² Na medida que eles não podiam ser visitados, as leituras de distintos textos como “As mil e uma noites” conduzia os viajantes

²⁰ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “un campo cerrado, un palco teatral anexo a Europa (...). En la profundidad de ese palco teatral existe un prodigioso repertorio cultural cuyos apartados individuales evocan un mundo fabulosamente rico: la Esfinge, Cleopatra, el Edén, Troya, Sodoma y Gomorra, Astartea, Isis y Osiris, Saba, Babilonia, los Genios, los Magos, Nínive, el Preste Juan, Mahoma y una docena más, escenarios, en algunos casos, apenas nombres, medio imaginarios, medio conocidos; monstruos demonios, héroes, terrores, placeres, deseos”

²¹ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “son lo que son, porque son lo que son, ahora y siempre”.

²² Em seu livro *Sueños en el umbral* a escritora marroquina Fatima Mernissi historiciza os haréns e distingue entre "haréns imperiais" e "haréns domésticos". Enquanto os primeiros se vinculam com a expansão territorial e o crescimento econômico das dinastias muçulmanas, os segundos correspondem àqueles que se conformam depois da perda de poder muçulmano em 1909, logo após a derrota do império otomano. O harém imperial otomano alimentou as fantasias do ocidente e inspirou os quadros orientalistas que se pintaram entre os séculos XVIII e XX. Em contraposição ao harém oriental conformado por “esplêndidos palácios cheios de mulheres luxuosamente vestidas, reclinandas lascivamente com indolência, com escravos ao seu lado e eunucos vigiando as portas (...) os haréns domésticos (...) são mais como uma família ampliada, praticamente sem nenhum aspecto erótico digno de menção. Nesses haréns domésticos viviam juntos um homem e seus filhos com suas esposas (...) Não é a poligamia o que o define como harém, mas o desejo dos homens de recluir suas esposas e manter uma família ampliada em vez de a dividir em unidades nucleares.” (Mernissi, 2002, p. 41). Neste livro, Mernissi descreve o harém doméstico como um espaço no qual a vida cotidiana se desenrola de forma lúdica e criativa.

a imaginarem a vida no harém como um âmbito onde predominava a sensualidade e o erotismo (Cerarols, 2008).

Em particular, Derek Gregory se interessou em analisar os imaginários geográficos presentes nos relatos dos viajantes que visitaram o Egito em meados do século XIX (Gregory, 1995a, 1995b). Embora sua concepção de imaginários geográficos se nutra da perspectiva de Said, Gregory procura superar as limitações que foram colocadas à conceituação deste crítico literário palestino ao propor uma ideia de Oriente menos monolítica e mais plural que se assemelhe mais à heterotopia foucaultiana. Assim, desde seu ponto de vista, os imaginários dos viajantes – como Gustav Flaubert ou Florence Nightingale – se constroem a partir de textos lidos no lugar de origem e a partir das visões moldadas na cosmovisão europeia. Sem embargo, os viajantes diferenciados desde o ponto de vista cultural, de classe e gênero no destino renegociam estes imaginários que assim se tornam múltiplos, ambíguos e instáveis. Apesar disso, todos os imaginários participam na construção de um Egito que é transcrito e traduzido por meio da chave europeia, composta pictoricamente e exibido com o fim de tornar-se um espaço liminal entre ocidente e oriente, entre o familiar e o desconhecido (Gregory, 1995b).²³

Através desta busca, Gregory se propõe um objetivo mais ambicioso que é compreender algumas estratégias epistemológicas da modernidade que ordenam e hierarquizam estes imaginários geográficos. Neste sentido, a noção de mundo como exibição de T. Mitchell permite compreender as distintas estratégias culturais (museus, exposições, entre outras) que, associadas à colonialidade do poder (Mignolo, 2003), apresentam o mundo como um quadro para ser visto e experimentado de uma única maneira, aquela estabelecida pelas potências imperiais. Esta organização naturaliza a superioridade e dominação ocidental e a inferioridade da população não europeia. Sob esta ordem epistemológica se organizam certos imaginários sobre as populações

²³ A questão das geografias imaginativas tem sido amplamente abordada por Derek Gregory em seu livro *Geographical Imaginations*. Neste texto, de nítido corte epistemológico, ele explora os imaginários espaciais e urbanos criados através do discurso disciplinar e recriados através da interação da Geografia com a teoria social. As ideias de imaginação geográfica de David Harvey e Edward Said e a conceitualização de Timothy Mitchell do mundo como exposição são fontes de inspiração para a ideia de imaginários geográficos trabalhados no texto. Gregory reconhece o caráter eurocêntrico dos imaginários construídos pelos discursos científicos ocidentais e suas implicações no desencadeamento de processos de exclusão. A incorporação das interpretações feministas e os estudos subalternos pretende contribuir para superar estas exclusões. Rosalyn Deutsche nos oferece uma leitura interessante desta obra de Gregory Derek. Do ponto de vista de Deutsche, *Geographical Imaginations* nos aproxima de uma interpretação pós-disciplinar da Geografia, onde seu discurso tem mais a ver com o gênero da ficção do que com o relato científico. Além disso, esta especialista em história da arte sustenta que Gregory se preocupa mais com os efeitos do discurso disciplinar que pelo campo do conhecimento propriamente dito (Deutsche, 1995).

aborígenes, sobre as formas de vida das populações urbanas e rurais nos continentes asiáticos e africanos. Desde o ponto de vista da Geografia, isto significa o triunfo do espaço abstrato sobre o vivido e garante a efetividade dos processos de apropriação territorial imperial (Warf, 2009). Esta relação entre expressões visuais, imaginação e processos de dominação são as que têm orientado as análises de grande parte dos trabalhos das geografias pós-coloniais. No entanto, será Denis Cosgrove quem procurará construir uma reflexão específica sobre a relação entre o visual e os imaginários na Geografia.

Visualidade e criatividade nos imaginários geográficos. A contribuição de Denis Cosgrove

A década de 1990 vivenciou também a consolidação da linha de trabalho em cultura visual na Geografia anglosaxã em geral e na Geografia histórica em particular.²⁴ A partir do reconhecimento da centralidade da experiência da visão na definição da tradição disciplinar, as análises orientadas por esta perspectiva procuraram, em primeiro lugar, desconstruir os pressupostos epistemológicos, metodológicos e ideológicos que assumiam a correspondência direta entre a realidade e as representações, sejam estas paisagísticas, fotográficas ou cartográficas. Em segundo lugar, esta linha de investigação, ao considerar que o conhecimento é perspectivo e diferenciado desde o ponto de vista do gênero, da classe e étnico, buscou superar a postura que sustentava a existência de um ponto de vista universal desde onde havia sido possível e era possível elaborar representações de caráter geográfico. Partindo da desconstrução destes pressupostos, em terceiro lugar, se almejou entender os efeitos performativos das práticas de visualidade tanto no passado como no presente. Neste marco se pretende compreender a proliferação e analisar quais ideias e valores sobre o território são comunicadas por meio das representações sobre o espaço difundidas, por exemplo, pelo *Google Earth*, pelo *Discovery Channel* ou pela internet (Lois, 2009, Hollman, 2008, Tolia-Kelly, 2012).

Talvez seja Denis Cosgrove (1948–2008) um dos primeiros geógrafos que buscaram compreender a relevância da visão na construção das formas de aproximação

²⁴ A relação entre visualidade, imaginários e cartografia tem sido aprofundada na última década. Na medida em que ela merece atenção particular, preferimos não trabalhá-la neste artigo e deixar sua análise nas mãos de especialistas.

da Geografia à realidade. De fato, já em seu texto *Social Formation and Symbolic Landscape* (1984), Cosgrove entende que nas descrições geográficas, nos conceitos de paisagem e de região, nas representações cartográficas ou na própria forma de apresentação dos modelos da geografia quantitativa o visual ocupa um papel destacado. Além de ser garantia do realismo e da síntese buscadas pelo conhecimento disciplinar, “parece que os geógrafos requerem que a demonstração de suas teorias seja sustentada por uma evidência visual do mundo que os rodeia” (Cosgrove, 1984, p. 31).²⁵

A partir destas reflexões, Cosgrove também se interessou por compreender as relações entre a visão e a imaginação. Assim, entende que a significação dada às representações incorpora elementos da imaginação. Neste sentido, a imaginação é “entendida como a capacidade de formar imagens mentais, especialmente das coisas que não foram diretamente testemunhas ou que não tenham sido experimentadas” (Cosgrove, 2008a, p. 8).²⁶ As representações permitem que as imagens que se derivam dos sentidos ou da imaginação deixem de ser individuais e se tornem coletivas (Staszak, 2009).

Cosgrove se distancia das propostas que trabalham as imaginações geográficas associadas a processos de dominação, orientadas por um reconhecimento de certa instrumentalidade social onde, desde seu ponto de vista, são as preocupações em torno do poder e da justiça as que se estão discutindo em última instância. Assim, desde sua perspectiva, o papel da imaginação é complexo “já que se interessa, às vezes, em alcançar o bem e realizar desejos e sonhos (mesmo quando estes são conseguidos ao custo de produzir um dano desconhecido nos outros) e, outras vezes, em provocar conscientemente um dano no mundo” (Cosgrove, 2008a, p. 9).²⁷

Apoiando-se na perspectiva de Paul Ricoeur, Cosgrove põe ênfase em entender o papel da imaginação no desencadeamento de processos criativos e particularmente em suas implicações na transformação da geografia material.²⁸ Se trata assim, seguindo a

²⁵ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “parece que los geógrafos requieren que la demostración de sus teorías sea sustentada por una evidencia visual del mundo que los rodea”.

²⁶ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “entendida como la capacidad de formar imágenes mentales, especialmente de las cosas que no se ha sido directamente testigo o que no han sido experimentadas”.

²⁷ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “ya que se interesa, a veces, en alcanzar el bien y realizar deseos y sueños (aun cuando estos se consigan bajo el costo de producir un daño desconocido en los otros) y, otras veces, en provocar conscientemente un daño en el mundo”.

²⁸ Cosgrove busca associar algumas conceituações específicas de Ricoeur em torno dos imaginários com algumas questões discutidas na Geografia cultural. Assim, o imaginário cósmico atribui à terra a ideia de mãe fecunda e ao ar a de liberdade e espírito. O imaginário onírico – união da psique com o cosmos – dá poder imaginativo a termos como pântanos, desertos, bosques, mares. Finalmente, os imaginários poéticos (embasados nos símbolos cósmicos e oníricos expressados por meio do poder metafórico da

perspectiva de Ricoeur, de acudir à imaginação “com o objetivo de incidir no mundo e em sua história para que ambos se tornem mais habitáveis” (Begué, 2003, p. 25).²⁹

Segundo Cosgrove, a imaginação leva a que a informação captada por meio dos sentidos não seja reproduzida de forma mimética, mas sim que seja “metamorfoseada”, gerando novos significados. “As transformações do mundo na imaginação podem levar a transformações materiais na natureza: drenagem de pântanos, conservação de espécies, encontro de um caminho no meio do mundo selvagem” (Cosgrove, 1994, p. 388).³⁰

Em um de seus últimos textos, Cosgrove abordou a relação entre imaginários ambientais (ideias, imagens mentais e valores em relação ao meio) e representações visuais (pinturas de paisagens, fotografias, mapas, imagens digitais, filmes e vídeos) em certos momentos relevantes da história estadunidense do século XX a fim de compreender o papel ativo dos primeiros na construção do mundo social, particularmente na conformação das teorias ambientalistas e na política ambiental. Isto implica que as ideias e valores de determinadas épocas são as que orientam a leitura que se faz de certas imagens concebidas como representativas da relação da sociedade com seu entorno.³¹ Assim, Cosgrove reconhece a relação entre a divulgação de certas pinturas e fotografias icônicas do Parque Yosemite com a preocupação de preservar um ambiente apresentado como paradisíaco logo que finalizada a guerra civil. No início do século XX o Parque Yosemite se constituiu no paradigma das políticas protecionistas no marco do aumento da exploração do ouro, do desmatamento, do pastoreio excessivo e da expansão da cidade de São Francisco (Cosgrove, 2008b, p. 1865-1866). Neste contexto, se constata uma associação entre os ideários nacionalistas e a preservação do mundo selvagem. Do mesmo modo, Cosgrove se interessa por identificar os ideários difundidos pelo

linguagem) associados à geografia imperial europeia de fins do século XIX e princípios do XX, permitiram criar os imaginários do “Leste misterioso”, da “África Negra”, dos “polos gelados” e do caráter paradisíaco das “ilhas austrais”. Da mesma maneira, as ideias de ideologia e utopia (entendidas como imaginários com distintas implicações políticas: a primeira como reafirmação da autoridade e da ordem social e a segunda como a ruptura com dita ordem social) podem expressar-se na organização urbana e territorial dos Estados Unidos. Enquanto que o plano de Washington seria expressão da ideologia federalista, a organização do centro-oeste em pequenos municípios mostraria a utopia agrária jeffersoniana (Cosgrove, 1994).

²⁹ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “a los fines de incidir en el mundo y en su historia a fin de que ambos se vuelvan más habitables”.

³⁰ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “Las transformaciones del mundo en la imaginación puede llevar a transformaciones materiales en la naturaleza: drenaje de pantanos, conservación de especies, encuentro de un camino en medio del mundo silvestre”.

³¹ As representações dos imaginários ambientais veiculados por meio de distintas representações visuais, correspondentes a distintas conjunturas, poderiam ser também objetos de críticas semelhantes às que foram objeto o Orientalismo de Said. Cosgrove nos oferece um único relato que orienta a leitura das imagens. Seguramente estas leituras podem ser múltiplas, culturalmente diferenciadas e também conflitivas entre si.

fotojornalismo e por filmes sobre as tempestades de poeira que tiveram lugar nas planícies estadunidenses por volta da década de 1930. Estes dispositivos de visualização oferecem uma imagem apocalíptica do avanço das nuvens de poeira. Elas aparecem arrasando as áreas cultivadas, provocando miséria e migração. A fotografia e o cinema contribuíram para representar os interesses do capitalismo alheios às planícies do Oeste e desconhecidos dos imperativos e ritmos naturais. Assim, a partir do discurso fílmico e fotojornalístico, diante da ambição humana, a natureza aparecia tendo sua vingança.

Cosgrove se aproxima também das imagens e discursos que na década de 1950 apresentam certa preocupação em relação ao crescimento urbano em detrimento da ocupação de terras dedicadas às atividades agrícolas e ao ócio, afetando as características estéticas da paisagem norte americana. Esta inquietude, que está presente ainda na atualidade, se apoia na leitura de mapas e fotografias aéreas. Ainda que no princípio estas representações visuais tenham sido lidas como a expansão do modelo de habitação industrial fordista, posteriormente estes mesmos dispositivos visuais foram interpretados como expressão do crescimento suburbano que se impunha na “natureza imaculada e na vida social das famílias norte americanas” (Cosgrove, 2008a, p. 1870).³²

Outras imagens destacadas por Cosgrove são aquelas vinculadas aos testes nucleares realizados nas décadas de 1940 e 1950 nos “desertos” do Oeste americano e nos atóis do Pacífico, concebidos como espaços de “pouca utilidade” (marginais) para a “civilização”. As fotografias de revistas como *Life* ou *Newsweek* ou os noticiários de cinema e televisão representavam os testes nucleares por meio de fotos que retratavam o momento em que o cogumelo subia a atmosfera provocando o efeito do sublime no espectador. No marco da guerra fria, estas imagens expressavam o poderio armamentista dos Estados Unidos. Este tipo de prática (e as imagens associadas) serão postas em questão na década de 1960 com a crítica ambientalista, que elegera as imagens da terra enviadas pelos projetos lunares Apolo para mostrar o planeta como “um organismo vulnerável” (Cosgrove, 2008a, p. 1874).³³

Cosgrove encontra uma continuidade entre as representações do planeta obtidas no marco dos projetos espaciais da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) e aquelas que desde o século XV mostram a Terra como um globo. Desde seu ponto de vista, se revitalizam as ideias sobre a unidade da vida, sobre o íntimo vínculo entre o

³² [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “naturaleza prístina y en la vida social de las familias norteamericanas”.

³³ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “un organismo vulnerable”.

corpo da terra e o corpo humano e sobre a relação entre a individualidade e a transcendência concebidas como “o sonho da Cosmografia” (Cosgrove, 2006, p. 25).³⁴

Ao distanciar-se das propostas que associam imaginação com práticas de dominação,³⁵ Cosgrove permite que a criatividade se desenvolva por meio da imaginação. Mas essa criatividade está permeada de certos valores individuais e coletivos. Neste sentido, Cosgrove busca alimentar um projeto disciplinar próprio que, seguindo a linha de trabalho definida por J. K. Wright, Hugh Prince ou David Lowenthal, se interessa por contribuir com a defesa de interesses universais e humanitários. A defesa destes interesses não deixa de possuir certo conteúdo político. Como vimos, David Harvey nos propunha imaginar os conceitos de espaço e tempo que desejaríamos estabelecer em uma sociedade que se pretenda “socialista e ecologicamente responsável”. Do mesmo modo, Cosgrove estaria buscando colocar a imaginação geográfica a serviço da criatividade com o objetivo de construir, nos termos de Ricoeur, um mundo mais habitável.

Uma primeira exploração sobre o uso da ideia de imaginários geográficos nos estudos de geografia histórica na América do Sul

Em termos gerais, a Geografia histórica na América do Sul tem se dedicado à reconstrução dos espaços passados, levando em conta dinâmicas de caráter ambiental (Cunill Grau, 2005), econômicas (Moraes, 2000) ou técnicas (Santos, 1978). Alguns destes trabalhos foram orientados pelas propostas anglosaxãs clássicas (Difrieri, 1981; Randle, 1981), pelas perspectivas dos geógrafos franceses (Santos, 1978; Tovar, 1986) ou pelas propostas de historiadores políticos ou econômicos contemporâneos (Abreu, 2006; Moraes, 2000). Entretanto, a ênfase dada ao material oferece espaço apenas para o tratamento das representações ou imaginários associados a essa geografia material. Assim, por exemplo, os relatos de viagem foram utilizados essencialmente para reconstruir as paisagens pretéritas (Rey Balmaceda, 1976) e não como uma forma de aproximar-se das ideias, fantasias ou valores de uma época e de seus efeitos na configuração do ambiente.

³⁴ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “el sueño de la Cosmografía”.

³⁵ O interesse por ressaltar este tipo de valor o leva a distanciar-se das propostas que entendem as distintas representações do globo como expressão dos projetos imperiais (Cosgrove, 2006).

Alguns estudos da Geografia Histórica na América do Sul, particularmente aqueles orientados à análise dos processos de formação territorial,³⁶ por volta dos anos 1990, começaram a trabalhar a questão dos imaginários. Embora este tipo de abordagem nos textos de Geografia Histórica merecessem uma pesquisa particular, nossa primeira aproximação nos leva a observar que não são as perspectivas dos geógrafos anglosaxões que abordamos na primeira parte do artigo as que têm influenciado nesta forma de abordar a relação entre espaço e tempo, mas sim que é essencialmente a perspectiva de E. Said sobre os imaginários geográficos aquela que inspirou os estudos levados adiante por geógrafos ou por historiadores que desenvolvem trabalhos em conjunto com geógrafos na região. Entende-se que há uma relação entre as valorizações estéticas, racionais e oníricas realizadas pelas elites intelectuais e políticas e os projetos políticos que modelam os territórios.

Particularmente as descrições de viajantes ou naturalistas, ou as memórias de distintos funcionários, passaram a ser objeto de interesse na medida em que neles podiam-se identificar os imaginários geográficos sobre as características ambientais e sociais de algumas áreas do continente. Neste sentido, um interesse particular despertou o processo de definição e difusão dos imaginários do deserto (Lois, 1999; Zusman, 2000), da tropicalidade (Rojas López, 2007), do sertão (Moraes, 2009) ou da Cordilheira dos Andes como muralha (Hevilla, 2007). As análises realizadas demonstram que estes imaginários geográficos foram úteis no momento de denominar e dominar áreas submetidas a outras formas de organização política, econômica e social (as das populações indígenas ou campesinas). Atrelados aos conceitos de vazio, terras hostis ou inférteis, elas promoveram a incorporação destas áreas à lógica dos países em constituição, invisibilizando seus reais ocupantes. Em alguns casos, estas imagens mostravam algumas áreas com escassas condições, em termos ambientais, para serem incorporadas aos modelos econômicos vigentes. Em muitos outros, como na Puna argentina, estes imaginários influenciam e definem ainda hoje a forma como estas zonas são pensadas e incorporadas às economias nacionais ou transnacionais, desvalorizando as formas de vida das populações locais (Benedetti, 2005; Castro, 2007; Tomasi, 2010).

Os trabalhos também se perguntaram sobre as ideias e sonhos geográficos que acompanharam a definição dos projetos estatais nacionais. Assim, por exemplo, a

³⁶ A partir desta perspectiva é interessante trabalhar a gênese de conjuntos espaciais contemporâneos que, no passado, não tinham necessariamente unidade e integração. Além disso, se entende a constituição territorial vinculada a processos de tipo político, econômico e cultural onde entram em jogo distintos projetos concorrentes (ver Moraes, 2000).

consolidação de um projeto de território moderno no Chile implicou a passagem de um imaginário de país horizontal a vertical. A extensão da ferrovia cumpriu um papel chave na consolidação do projeto de país vertical (Núñez, 2010). Por sua vez, o processo de formação do território argentino envolveu o ideal agrário jeffersoniano de formação de um país de pequenos agricultores, como pode observar-se no projeto de país idealizada por Domingo Faustino Sarmiento, mas que só se efetivou em algumas áreas da província de Buenos Aires, de Santa Fé ou Entre Ríos (Zusman, 2006).

O estudo dos processos de incorporação de áreas sob domínio indígena permite entender que, dentro dos projetos estatais, a Patagônia, o Chaco, a Amazônia e a Araucanía foram imaginadas como a alteridade da nação (Serjé, 2005). Do ponto de vista de Margarita Serjé, a apresentação destes ambientes como lugares da insegurança e desordem permitiu reservar ao Estado-Nação os ideais de segurança e ordem (social e estético). A partir daqui se imaginaram políticas específicas, como a organização de reservas indígenas, os planos de colonização, os parques nacionais e, mais recentemente, os projetos de caráter turístico (Osorio Machado, 1989; Fortunato, 2011; Núñez, 1999; Navarro Floria, 2007).

Reconhecemos que a pergunta realizada sobre a relação entre imaginários e Geografia Histórica na região é muito inicial e que também o percurso realizado até o momento pela Geografia Histórica local na exploração desta área de trabalho é ainda incipiente. Um caminho interessante para trabalhar seria articular a relação entre imaginários geográficos hegemônicos e imaginários geográficos que negociam e resistem aos primeiros e que acabam reconfigurando a geografia material.

Conclusões

O percurso realizado em torno do papel que distintos geógrafos anglosaxões deram à imaginação e aos imaginários geográficos no entendimento das geografias (materiais e simbólicas) do passado nos leva a recuperar as ideias que García Canclini nos oferece sobre sua relevância social. Parafraseando esse sociólogo cultural, pareceria que as geografias imaginárias viriam para complementar, ocupar fraturas ou buracos no que podemos conhecer. Neste sentido, as primeiras buscas por incorporar a imaginação e os imaginários na Geografia foram orientadas por um interesse por trabalhar aquilo que até então a disciplina não tinha se interessado por conhecer, como era o componente cultural na definição das relações com o entorno. A postura fenomenológica representada

pela perspectiva de John K. Wright entendia a imaginação geográfica como uma sensibilidade estética diante do “estímulo das montanhas, desertos ou cidades (Wright, 1977, p. 178)³⁷ que ajudava tanto a conhecer o desconhecido, como a compartilhar com outros as variadas experiências sobre os lugares. Seguindo a linha marcada por Wright, David Lowenthal e Hugh Prince entenderam que esta sensibilidade envolvia os valores, gostos e preferências. No desenvolvimento dessa sensibilidade em relação ao passado e a suas paisagens, esses geógrafos reconheciam a influência de expressões artísticas como a literatura, a pintura ou a arquitetura que, por sua vez, ofereciam indícios sobre as perspectivas da época.

Do ponto de vista de David Harvey, a imaginação geográfica procurava preencher a lacuna deixada pela ausência do social no estudo das formas espaciais. A imaginação geográfica, posta em prática para aproximar-nos do passado, permitiria, por um lado, entender as noções de espaço e tempo que conviviam e entravam em conflito em uma determinada época e, por outro, compreender as lutas pela apropriação espacial que derivam do choque entre estas noções.

Já na década de 1990, os estudos das geografias pós-coloniais procuraram incorporar à análise as fontes textuais, pictóricas, fotográficas e literárias para compreender que o processo de dominação imperial nos territórios de ultramar incluía dispositivos culturais e que os imaginários geográficos que eles veiculavam permitiam entender os projetos coloniais, seus silêncios e fissuras. Em termos de Derek Gregory, os espaços coloniais se mostravam múltiplos, ambivalentes e instáveis.

Por sua vez, a proposta de Cosgrove pretendia preencher o vazio derivado da desconstrução da representação visual como fiel retrato da realidade e, seguindo a herança humanista, buscava abordar as ideias e valores da época que criavam e recriavam os significados que se dava às distintas representações da superfície terrestre, sejam estas das paisagens ou da terra em sua totalidade.

Também apresentamos algumas linhas de trabalho que estão sendo levadas adiante na Geografia Histórica na América do Sul nas quais os imaginários parecem ser os portadores dos ideários culturais das elites locais na busca por organizar os territórios dos estados nacionais, seguindo as propostas político-territoriais europeias ou norteamericanas. Além de perguntar sobre os caminhos percorridos e desenhar novos caminhos a percorrer, restaria também analisar se, por trás destas leituras do passado realizadas no Cone Sul, também estão presentes ou se poderia contornar, como se

³⁷ [N.T.] Tradução livre da citação direta original: “estímulo de las montañas, desiertos o ciudades”.

observa nas propostas de David Harvey ou Denis Cosgrove, um projeto para a Geografia Histórica comprometida com um futuro e que, em termos de Ricoeur, se oriente a imaginar um mundo mais habitável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. Um quebra-cabeça (quase) resolvido: os engenhos da Capitania Do Rio De Janeiro - Séculos XVI e XVII. Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, 2006, No 218 (32). Disponible em internet: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-32.htm>

BAILLY, A. Distances et espaces : vingt ans de géographie des représentations. L'Espace géographique, 1985, No 3, p.197-205.

BEGUÉ, M. F. Paul Ricoeur. La poética del sí-mismo. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003.

BENEDETTI, A. Un territorio andino para el país pampeano. Geografía Histórica del Territorio de los Andes (1900-1943). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Tesis Doctoral, 2005.

CANCLINI, N. G. Imaginarios urbanos. Buenos Aires: Eudeba, 1997.

CANCLINI, N.G. ¿Qué son los imaginarios y cómo actúan en la ciudad? EURE, 2007, Vol. 33, No 99, p. 89-99.

CAPEL, H. Percepción del medio y comportamiento geográfico. Revista de Geografía, 1973, No 7, p. 58-150.

CASTRO, H. Otras miradas, otros lugares. Los relatos de viajeros en la construcción de la Puna Argentina. En: ZUSMAN, P.; LOIS, C. y CASTRO, H. (coordinadores). Viajes y geografías. Exploraciones, turismo, migraciones y en la construcción de lugares. Buenos Aires: Ed. Prometeo, 2007, p. 93-113.

CERAROLS, R. L'imaginari colonial espanyol del Marroc. Geografia, gènere i literatura de viatges (1859-1936). Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona. Tesis Doctoral, 2008.

COSGROVE, D. Apollo's eye: a cultural geography of the Globe. In: Geographical imagination and the authority of images. Hettner-Lecture 2005. Stuttgart: Franz Steiner, Verlag, 2006, p 7-25.

COSGROVE, D. Geography and Vision. Londres: I.B. Tauris, 2008a.

COSGROVE, D. Images and imagination in 20 th century environmentalism from the Sierras to the Poles. Environment and Planning A, 2008 b, Vol. 40, p. 1862-1880.

COSGROVE, D. Social formation and symbolic landscape. Londres y Sidney: Croom Helm, 1984.

COSGROVE, D. Worlds of Meaning: a Cultural Geography and Imagination. In: FOOTE, K.; HUGILL, P.J.; MATHEWSON, K. & SMITH, J. M. Re-reading cultural geography. Austin: University of Texas Press, 1994, p. 387-395.

- CUNILL GRAU, P. Ensoñación y combate por la geografía histórica y regional iberoamericana. *Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 2005, No 194. Disponible em internet: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-194-120.htm>
- DANIELS, S. Geographical imagination. *Transactions. Institute of British Geographers*, 2011, No 36, p. 182-187.
- DEUTSCHE, R. Surprising Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 1995, Vol. 85, No 1, p. 168-175.
- DI MÉO, G. & BULÉON, P. *L'espace social: Lecture géographique des sociétés*. Paris: Armand Colin, 2005.
- DIFRIERI, H. Buenos Aires. *Geohistoria de una metrópoli*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1981.
- DRIVER, F. Imagining the tropics: views and visions of the tropical world. *Singapore Journal of Tropical Geography*, 2004, Vol. 25, No 1, p. 1-17.
- FORTUNATO, N. La civilización de las "tierras salvajes". Valores fundacionales del concepto de Parque Nacional. Buenos Aires: Prometeo, 2011.
- GORELIK, A. Imaginarios urbanos e imaginación urbana. Para un recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos. *EURE*, 2002, Vol. 28, No 3, p. 125-136.
- GREGORY, D. *Between the book and the lamp: imaginative geographies of Egypt, 1849-1850*. *Transactions Institute of British Geographers*, 1995a, No 20, p. 29-57.
- GREGORY, D. *Geographical Imaginations*. Oxford: Blackwell, 1994
- GREGORY, D. Imaginative geographies. *Progress in Human Geography*, 1995b, Vol. 19, No 4, p. 447-485.
- HARVEY, D. *Between Space and Time: reflections on the Geographical imagination* *Annals of the Association of American Geographers*, 1990, Vol. 80, No 3, p. 418-434.
- HARVEY, D. *Urbanismo y desigualdad social*. Madrid: Siglo XXI, 1985 [1973].
- HEVILLA, C. Los viajeros de las alturas: narrativas de viajeros y científicos sobre los Andes argentino-chilenos en el siglo XIX. En: ZUSMAN, P.; LOIS, C. y CASTRO, H. (coordinadores). *Viajes y geografías. Exploraciones, turismo, migraciones y en la construcción de lugares*. Buenos Aires: Ed. Prometeo, 2007, p. 67-92.
- HIERNAUX, D. Los imaginarios urbanos: de la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos. *EURE*, 2007, Vol.33, No 99, p. 17-30.
- HIERNAUX, D. Turismo e imaginarios. *Cuaderno de Ciencias Sociales*, 2002, No 123, p. 7-32.
- HOLLMAN, V. Geografía y cultura visual: Apuntes para la discusión de una agenda de indagación. *Estudios Socioterritoriales*, 2008, N° 7, p.120-135.
- KEIGRHEN, I.M, *Imagination and Terrae Incognitae: Exploring the Intellectual History of John Kirtland Wright*. *Journal of Historical Geography*, 2005, Vol. 31, p. 546-562.
- LINDÓN, A. Los imaginarios urbanos y el constructivismo geográfico: los hologramas espaciales. *EURE*, 2007, Vol. 33, No 99, p. 31-46.

- LINDÓN, A.; AGUILAR, M. A. y HIERNAUX, D. Lugares e imaginarios en la metrópolis. Barcelona: Anthropos, 2006.
- LIVINGSTONE D. N. Classics in human geography revisited: Lowenthal, D. 1961: Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. *Annals of the Association of American Geographers*. Vol. 51, p. 241-60. *Progress in Human Geography*, 1994, Vol. 18, No 2, p. 209-215.
- LOIS, C. Imagen cartográfica e imaginarios geográficos. Los lugares y las formas de los mapas en nuestra cultura visual. *Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 2009, No 298. Disponible en internet: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-298.htm>
- LOIS, C. La invención del Desierto Chaqueño. Una aproximación a las formas de apropiación simbólica de los territorios del Chaco en los tiempos de formación y consolidación del Estado Nación argentino. *Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 1999, No 38. Disponible em internet: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-38.htm>
- LOWENTHAL, D. & PRINCE, H. English landscape tastes. *The Geographical Review*, 1965, Vol. 55, No 2, p. 186-222.
- LOWENTHAL, D. & PRINCE, H. The English landscape. *The Geographical Review*, 1964, Vol. 54, No 3, p. 309-346.
- LOWENTHAL, D. El pasado es un país extraño. Madrid: Akal, 1998 [1985].
- LOWENTHAL, D. Geografía, experiencia e imaginación. En: RANDLE, P.H. Teoría de la Geografía. Vol. 2. Buenos Aires: GAEA, Serie Especial 4, 1977, p. 189-229.
- LOWENTHAL, D. Past time, present place: landscape and memory. *The Geographical Review*, 1975, No 65, p. 1-36.
- MERNISSI, F. Sueños en el Umbral. Barcelona: Muchnik Editores, 2002 [1994].zuela. *Revista Geográfica Venezolana*, 2007, Vol. 48, No 2, p. 299-308.
- MIGNOLO, W. Historias locales / Diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal, 2003.SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. San Pablo: Companhia das letras, 1990 [1978].
- MORAES, A. C. R. O sertão: um outro geográfico. En: *Geografia Histórica do Brasil. Cinco ensaios, uma proposta e uma crítica*. San Pablo: Ed. Annablume, 2009, p. 87-101.
- MORAES, A.C. R. Bases da Formação territorial do Brasil. San Pablo: Ed. Hucitec, 2000.
- NAVARRO FLORIA, P. Paisajes del progreso. La resignificación de la Patagonia Norte, 1880-1916. Neuquén: educo- Universidad Nacional del Comahue, 2007.
- NÚÑEZ, A. La ciudad como sujeto: formas y procesos de su constitución moderna en Chile, siglos XVIII y XIX. *Revista de Geografía Norte Grande*, 2010, No 46, p. 45-66
- NÚÑEZ, A. Políticas públicas y ocupación del territorio en zonas fronterizas de la Patagonia Chileno-Argentina (1900-1930). *Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 1999, Vol. 45, No 37. Disponible en internet: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-45-37.htm>

- OSORIO MACHADO, L. Mitos y realidades de la Amazonia brasileña en el contexto geopolítico mundial, 1540-1912. Barcelona: Universidad de Barcelona, Facultad de Geografía e Historia. Tesis doctoral, 1989.
- PRINCE, H. Real, imagined and abstract world of the past. In: BOARD, C. et al. Progress in Geography: International Reviews of Current Research, 1971. Londres: Arnold, p. 3-86. WARF, D. Gregory, D. In: KITCHIN, R. & THRIFT, N. International Encyclopedia of Human Geography. Londres: Elsevier, 2009, p. 643-646.
- RANDLE, P. Atlas del Desarrollo Territorial de la Argentina. Madrid: Oikos, 1981. WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: El lugar de la imaginación en geografía. En: RANDLE, P.H. Teoría de la Geografía. Vol. 2. Buenos Aires: GAEA, Serie Especial 4, 1977, p. 165-188 [1947].
- REY BALMACEDA, R.C. Geografía histórica de la Patagonia (1870-1960). Buenos Aires: Editorial Cervantes, 1976.
- ROJAS LÓPEZ, J. Agustín Codazzi y los paisajes de una geografía imaginaria en Venezuela. Revista Geográfica Venezolana, 2007, Vol. 48, No 2, p. 299-308.
- SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. San Pablo: Companhia das letras, 1990 [1978].
- SANTOS, M. Por uma geografia nova. San Pablo: Hucitec, 1978.
- SERJÉ, M. El revés de la nación. Territorios salvajes, fronteras y tierra de nadie. Bogotá: Uniandes-Ceso, 2005.
- SOJA, E. Thirdspace. Journeys to Los Angeles and Other Real and Imagined Spaces. Cambridge MA: Blackwell, 1996.
- STASZAK, J.F. Denis Cosgrove, European man of vision. Progress in Human Geography, 2009, No 33, p. 557-559.
- TELLES, A. S. Imaginarios urbanos, hacia el desarrollo de un urbanismo de los ciudadanos. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2004.
- TOLIA-KELLY, D. P. The geographies of cultural geography II. Visual Culture. Progress in Human Geography, 2012, Vol. 36, No 1, p. 135-142.
- TOMASI, J. Geografías del pastoreo. Territorios, movilidades y espacio doméstico em Susques. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Tesis Doctoral, 2010.
- TOVAR, R. El Enfoque geohistórico. Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1986.
- WARF, D. Gregory, D. In: KITCHIN, R. & THRIFT, N. International Encyclopedia of Human Geography. Londres: Elsevier, 2009, p. 643-646.
- WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: El lugar de la imaginación en geografía. En: RANDLE, P.H. Teoría de la Geografía. Vol. 2. Buenos Aires: GAEA, Serie Especial 4, 1977, p. 165-188 [1947].
- WUNENBURGER, J. Antropología del imaginario. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2008.
- ZUSMAN, P. Desierto, civilización, progreso. La Geografía del gran chaco y el proyecto territorial de formación del estado argentino. Eria, 2000, No 51, p. 60-67.

ZUSMAN, P. Paisajes en movimiento. El viaje de Sarmiento a los Estados Unidos (1847). Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, 2006, Vol. X, No 218. Disponible en internet: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-19.htm>

ZUSMAN, P. Quan el desert es converteix en paisatge colonial. In: GARCÍA RAMÓN, M.D.; NOGUÉ, J. & ZUSMAN, P. (coordinadores) Una mirada catalana a l'Àfrica Viatgers i viatgeres dels segles XIX i XX (1859-1936). Lérida: Ed. Pagés, 2008, p. 341-362.